

Do Bom Fim para o mundo

Entrevista com Moacyr Scliar

REGINA ZILBERMAN

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Faculdade Porto-Alegrense (Fapa), doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg

Moacyr Jaime Scliar é um destacado escritor judeu brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003. Nascido em Porto Alegre em 23 de março de 1937, formou-se em Medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1962, e atuou no campo da saúde pública como médico sanitário. Concluiu o doutorado em Ciências na Escola Nacional de Saúde Pública, do Rio de Janeiro, em 1999, com a tese *Da Bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*.

Sua obra abrange perto de 80 livros (romances, ensaios, crônicas, contos e histórias infantis), publicados em diversos países. Alguns de seus textos foram adaptados para cinema, teatro e televisão. Sua obra é influenciada por sua condição de filho de imigrantes e de judeu, assim como por sua formação como médico de saúde pública. Scliar escreveu seus primeiros textos de ficção ainda adolescente e estreou em livro em 1962, com *Histórias de um médico em formação*, dando início a uma trajetória editorial que soma quase cinquenta anos. Nesse período, lançou diversos livros de contos, romances, novelas, ensaios, crônicas e literatura juvenil, gênero para o qual contribuiu com aproximadamente trinta diferentes volumes.

Os títulos de muitas de suas obras sugerem de imediato seu compromisso com a cultura judaica, assunto de romances, contos, crônicas e ensaios. Por isso, a entrevista a seguir enfatiza os temas vinculados ao judaísmo, sem, contudo, perder de vista sua relação com a criação literária que notabiliza o escritor. A entrevista a seguir foi realizada por correio eletrônico.

REGINA ZILBERMAN: Se examinamos a cronologia de teus romances, pode-se perceber que a temática judaica aparece em três períodos diferentes: entre 1972 e 1977, quando são publicados os romances de Porto Alegre – *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *O ciclo das águas* (1977) –, depois entre 1980 e 1991, quando sobressai a questão da assimilação paulatina dos judeus à vida brasileira moderna – *O centauro no jardim* (1980), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *Cenas da vida minúscula* (1991) – e desde 1999, quando passaste a privilegiar personagens sugeridas pela leitura da Bíblia hebraica – *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), *Os vendilhões do templo* (2006), *Manual da paixão solitária* (2009). Há ainda dois romances protagonizados por judeus europeus que migram para o Brasil, *A majestade do Xingu* (1997) e *Na noite do ventre, o diamante* (2005). Gostaria de conhecer tua percepção da trajetória de tua ficção, em especial o modo como vais construindo uma figura mutante do judeu brasileiro.

Moacyr Scliar: Em primeiro lugar, achei ótima essa cronologia, da qual não tinha

me dado conta (nada como uma mestra da literatura para revelar aspectos da obra ao próprio autor...). Ela realmente descreve minha trajetória. Comecei lembrando minha vivência na comunidade judaica do Bom Fim; depois, à medida que a experiência de vida e o horizonte cultural foram se alargando, comecei a explorar a interface judaísmo-Brasil. Já a temática bíblica ainda é um mistério para mim próprio. Sou um leitor (literário, não religioso) da Bíblia, acho fantásticas as histórias ali narradas, sobretudo porque estas histórias, por sua síntese, implicam desafios; há “lacunas” pedindo para serem preenchidas pela ficção. Mas talvez eu esteja voltando a raízes tão longínquas quanto enigmáticas, tentando descobrir o que, afinal, existe de comum entre as pessoas que nós somos e os personagens bíblicos. Não sei se consigo responder a esta questão, só sei que o texto bíblico é uma fonte de inspiração. Já a identificação com os personagens de *A majestade* e de *Na noite do ventre* é para mim mais óbvia e se encaixa nas duas primeiras fases da tua cronologia.

REGINA ZILBERMAN: O antissemitismo é também um tema que percorre teus romances, às vezes de modo discreto, às vezes de modo mais evidente. Mas o que mais me impressionou foi a maneira como o representaste em *Os vendilhões do templo*. Refiro-me à parte inicial do livro, quando expões o que me pareceu a “cena primordial”, para usar o termo de Freud, do antissemitismo, vale dizer, o momento em que o protagonista, nomeado apenas por sua profissão de “vendilhão”, é jogado para a condição de “figura abominável” (a expressão aparece na p.134 do romance). Eu gostaria primeiramente de perguntar como foi tua experiência com o antissemitismo na infância e, depois, na vida adulta.

Moacyr Scliar: Minha geração ainda experimentou o antissemitismo, se não agressivo, pelo menos

sob a forma de deboches e zombarias. Isso acontecia no Bom Fim (onde o sábado de Aleluia era um dia péssimo, com bandos vindos dos mais diversos lugares para hostilizar os meninos do bairro) e, no meu caso, também no colégio católico que frequentei, como resultado da “implicância” de alguns alunos – não de todos, e não dos professores. Mas, ao longo dos tempos, fui observando que estas manifestações se atenuavam (até por uma maior consciência do Holocausto) e foram até substituídas por admiração em relação aos judeus e a Israel (o clímax ocorreu na Guerra dos Seis Dias, em 1967). Mais recentemente, e por conta dos acontecimentos no Oriente Médio, surgiu um sentimento anti-Israel, que eventualmente envolve um componente antijudaico, nascido da pressuposição de que todos os judeus são, antes de mais nada, leais a Israel, isto sem falar no neonazismo, um movimento (ainda) embrionário. De qualquer modo, e comparando com outros grupos, a situação das comunidades judaicas melhorou muito em relação à intolerância.

REGINA ZILBERMAN: A gente poderia dizer que essa experiência pessoal nutre teu primeiro romance, *A guerra no Bom Fim*? Não que haja elementos autobiográficos na trajetória de Joel, mas me parece que o livro traduz uma vivência que os judeus do Bom Fim (entre os quais me incluo) tiveram antes, durante e depois da guerra, até o fortalecimento do Estado de Israel, nos anos 60, visitado pelo protagonista quando adulto.

Moacyr Scliar: Certamente. Todo autor é autobiográfico quando começa e *A guerra no Bom Fim* é a minha primeira novela (prefiro esta denominação, mais modesta, à de romance). Não posso dizer que me retratei no personagem Joel, mas outros que ali aparecem são até figuras que realmente existiram. E o bairro era aquilo mesmo. Quanto ao período, certamente é importante, com as revelações sobre

o Holocausto, a proclamação do Estado e, no caso da comunidade judaica, um maior entrosamento com a cultura brasileira. Neste período, o Bom Fim deixa de ser o *shtetl* de Porto Alegre.

REGINA ZILBERMAN: Para pensadores judeus, como Hanna Arendt, o antissemitismo ocupa um papel central, se se deseja entender os processos políticos dos séculos XIX e XX, que têm o totalitarismo como ponto de chegada. Freud, em *Moisés e o monoteísmo*, busca na história do povo judeu as origens do sentimento antissemita. Em *A guerra no Bom Fim*, parece dar razão a Hanna Arendt; em *Os vendilhões do templo*, acho que ultrapassa a interpretação proposta por Freud. Como explicarias o antissemitismo, se pudesses usar como exemplo tua própria obra ficcional?

Moacyr Scliar: As causas do antissemitismo variam ao longo do tempo. Na Idade Média, e também em boa parte da modernidade, tinham a ver com a função econômica, sobretudo a usura, que realmente era exercida pelos judeus (até que os bancos, com muito mais pompa e circunstância, assumiram a administração do dinheiro...), na verdade uma coisa imposta: usura era proibida pelo cristianismo (e pelo judaísmo), mas o senhor feudal necessitava de dinheiro para financiamento de expedições guerreiras e de bens de luxo. Solução: delegar o empréstimo a um grupo marginalizado que podia ser simplesmente exterminado em caso de inadimplência do devedor. Os usurários, e os comerciantes, tornaram-se assim os equivalentes do vendilhão do Templo (mas meu personagem tem veleidades modernizantes...). Mais adiante, outros motivos foram encontrados, como a suposta conspiração judaico-comunista (muito denunciada no Brasil). E, finalmente, existem as razões de ordem cultural e psicológica, estas nascidas da pura irracionalidade. A

revelação dos crimes do Holocausto funcionou como um antídoto poderoso, mas não definitivo, contra a intolerância, mesmo porque antissemitismo e antissionismo não raro se mesclam. A verdade é que preconceitos existem, devem ser combatidos, mas com tranquilidade e sabedoria, sem paranoia.

REGINA ZILBERMAN: Gostaria de que comentasses o processo de criação de teus romances. A redação de alguns deles, como *A estranha nação de Rafael Mendes* ou *Cenas da vida minúscula*, tomou um longo tempo, em decorrência da reelaboração da narrativa. *Os vendilhões do templo* também parece ter sido um projeto demorado, desde a ideia original até a publicação do romance. Poderias contar como funciona tua “oficina” de escritor?

Moacyr Scliar: No meu caso o processo criativo começa com algum “fator desencadeante”, que pode ser um episódio histórico, uma pessoa que conheci, uma história que me contaram, uma notícia de jornal... Daí em diante é uma incógnita. Sou muito rápido escrevendo para jornal, mas quando se trata de uma ficção mais longa é diferente; aí períodos de rapidez se alternam com outros de muita lentidão, resultante de dúvidas que vão desde a questão do foco narrativo até a incerteza quanto à validade do projeto (não foram poucos os que abandonei). No caso de *Vendilhões*, foram dezesseis anos desde a ideia inicial até a conclusão; reescrevi muitas vezes. Mas isto é normal numa tarefa que, afinal, implica uma aventura no desconhecido de nossas mentes...

REGINA ZILBERMAN: Mas o esforço, parece-me, valeu a pena: *Vendilhões* é um dos grandes romances brasileiros contemporâneos. Poderias comentar também a produção de outros dois romances de alta qualidade e que formam uma

espécie de díptico, *Sonhos tropicais* e *A majestade do Xingu*?

Moacyr Scliar: De fato, formam uma dupla (díptico me parece meio exagerado...), no sentido de que em ambos figuram médicos que trabalharam em saúde pública, ambos figuras extremamente expressivas na conjuntura cultural brasileira. Oswaldo Cruz, o criador da saúde pública no Brasil, é um personagem complexo, que conjuga enorme conhecimento e competência com aquele autoritarismo que, durante muito tempo, foi a marca registrada da profissão médica, sobretudo dos chamados sanitaristas (este termo, hoje, é mal visto, exatamente por causa dessa conotação). Sabia exatamente o que fazer, mas, por falta de um maior entrosamento com a população, não conseguiu enfrentar a inconformidade que culminou com a Revolta da Vacina (1904). Já Noel Nutels que, como sanitarista foi muito menos importante, sempre me interessou por causa de sua origem judaica. Ele é para mim o símbolo do sincretismo judaico-brasileiro, e o trabalho que fez com índios na região do Xingu é um belo exemplo disso. Conheci Noel, admirava-o, e há muito tempo queria escrever sobre ele. Só não o fazia porque não sabia como narrar a história, já que eu não queria simplesmente “ficcionalizá-lo”. Mas então me ocorreu a ideia de um outro personagem, imigrante judeu-russo como ele, e isso resolveu a questão. A partir daí foi fácil escrever...

REGINA ZILBERMAN: Gostaria de comentar tua atividade como contista. Teus primeiros livros, publicados nos anos 1960, com destaque para *O carnaval dos animais*, reuniram contos. Na década de 1970, lançaste vários livros de contos, contribuindo para o fortalecimento do gênero literário que marcou o período. Teu “Os contistas”, de *Histórias da terra trêmula*, de 1976, sumariza as tendências do conto brasileiro não ape-

nas daquela fase, mas da literatura brasileira contemporânea. Pergunto primeiramente como te vês enquanto contista e como descreverias tua trajetória, sobretudo nas primeiras décadas de teu percurso literário.

Moacyr Scliar: De fato, comecei como contista e queria ser contista. Para começar é um gênero que está na origem da literatura; toda ficção começa assim, como narrativas curtas. Além disso, quando comecei, o conto estava em alta no Brasil, e havia espaço para conto em jornais e revistas. Mudei eu e mudou a situação. Comecei a pensar em projetos mais longos – romances – e, ao mesmo tempo, os editores pressionavam os autores nessa direção. Hoje, paradoxalmente, escrevo um conto todas as semanas, mas é uma experiência peculiar, ligada a jornalismo (*Folha de S. Paulo*): a proposta deles (feita a três outros escritores, que, no entanto, desistiram) era de um texto ficcional elaborado a partir de uma notícia de jornal, o que tem um aspecto lúdico e literário. Fora disso escrevo contos raramente, mas continuo achando que é o grande gênero literário, apesar de difícil ou justamente por causa disso. Nada bate um conto bem realizado.

REGINA ZILBERMAN: Minha segunda pergunta sobre o Moacyr Scliar contista tem a ver com o que respondeste: publicaste a maioria de teus livros de contos até meados dos anos 1980; depois, o romance tomou conta de tuas preocupações enquanto ficcionista. Por quê?

Moacyr Scliar: Em parte, porque segui a trajetória comum a muitos escritores, pelo menos no Brasil: começamos pelo conto, depois vamos para a ficção mais longa. Existe aí um componente de maturidade emocional. Escrever contos é algo que começa na juventude, ao passo que o romance exige uma certa experiência de vida que, diz-se, não ocorre antes dos 40 anos. No meu caso, o fato de escre-

ver um texto de ficção semanal (para a *Folha de S. Paulo*) satisfaz um pouco a necessidade de escrever contos.

REGINA ZILBERMAN: E o que representa escrever para o público infantil e juvenil?

Moacyr Scliar: Foi algo mais tardio, desencadeado, devo dizer, pelo convite de editoras. A paternidade ajudou muito; fez-me voltar aos livros para público infantil e juvenil, uma literatura que eu, na realidade, sempre admirei muito – até hoje tenho, em minha casa, várias prateleiras com clássicos do gênero: Monteiro Lobato, Viriato Corrêa, Charles Kingsley, Lewis Carroll (e Erico Verissimo também). É um enorme desafio à imaginação, mas por outro lado impõe certos limites: os personagens têm de ser jovens ou crianças, o sexo fica muito limitado. Mas uma vez que a gente “entra” nesse mundo – e no meu caso é mais o mundo juvenil, porque acho literatura infantil algo muito difícil – descobrimos novas possibilidades. Claro, é preciso evitar a tentação do didatismo, de querer ensinar os leitores como pensar, o que, para quem passou por militância política como eu, é sempre um risco. E é preciso, sobretudo, “acordar” o leitor jovem ou criança que todos temos diante de nós, o que é uma experiência humana sempre reconfortadora.

REGINA ZILBERMAN: Para terminar esse nosso diálogo: como te vê enquanto um escritor brasileiro de repercussão internacional?

Moacyr Scliar: Para dizer a verdade, não consigo pensar em mim próprio dessa maneira. Aliás, não penso muito nas repercussões de minha obra, e até tenho dúvidas sobre se aquilo que escrevi pode ser chamado de obra. Ao longo de minha vida fui traduzindo em textos, ficcionais ou não, experiências, ideias, emoções. Escrevo porque gosto de escrever, porque escrever me gratifica, me recompensa.

É claro que ter leitores, inclusive no exterior, é importante, sobretudo quando a gente se sente parte de uma cultura tão cosmopolita e tão marcante como é a cultura judaica. Não nego que, cada vez que viajo para a Europa, para os Estados Unidos e para Israel e encontro pessoas que me leram e que gostam do que escrevi, sinto-me orgulhoso – afinal, para quem foi um menino do Bom Fim já é alguma coisa... Mas nenhum elogio, nenhum prêmio, nenhuma tradução no exterior iguala-se, em satisfação, à sensação que temos quando, depois de escrever um texto, nós o relemos e concluímos (tanto para nossa alegria quanto para nosso alívio) que aquilo não está mau.